

Da autenticidade em filosofia

SANDRO KOBOL FORNAZARI
skf@usp.br

Um livro que vale por dois. Corpo e pensamento é o título escolhido por Cíntia Vieira da Silva para uma pesquisa de fôlego sobre essa relação tão complexa entre o que certa tradição postula como essencialmente independentes no ser humano: por um lado, nosso corpo orgânico em sua interação com o meio, por outro, nossa racionalidade como que aprisionada nesse corpo, sofrendo com suas necessidades e suas paixões, mas dotada do poder de liberar-se dessas interferências como meio para planar suavemente sobre a vida. Não é disso que se trata nesse livro. Antes, as alianças que a autora busca são aquelas em que se constrói outra imagem para essa relação entre corpo e pensamento, em que ambos são a expressão de um mesmo movimento vital, são maneiras integradas de viver a experiência de estar no mundo, afetando-o e sendo afetado por ele, produzindo ideias que procuram dar conta, nem sempre de maneira adequada, dessa quase sempre ínfima parcela de mundo com a qual estabelecemos relação, mas que possui em si infinitas possibilidades.

Os filósofos privilegiados são Deleuze e Espinosa, e o que explicitamente se propõe é a exploração das alianças conceituais “entre” eles. Ora, é exatamente o modo como a autora leva a cabo essa proposta que faz desse trabalho algo tão incomum e provocador. A filosofia de Espinosa exerceu uma

influência incontestável no trabalho filosófico de Deleuze, que sobre ele escreveu dois livros, além de inúmeros outros comentários cruciais. No entanto, Cíntia recusa tratar esses dois pensadores em termos de filiação, assim como dá menos importância para a análise da interpretação que Deleuze faz da filosofia espinosana, do que para o uso que faz dela na criação de seu próprio plano conceitual de imanência (ainda que Deleuze reconheça, em O que é a filosofia?, que apenas Espinosa foi capaz de pensar o plano de imanência, ao invés de apenas mostrar que ele está, impensado em cada plano: Espinosa era “quem sabia plenamente que a imanência não pertence senão a si mesma” e nela encontrou a liberdade ao dar ao pensamento “velocidades infinitas”). Por isso, interessa muito mais à autora descrever os desenvolvimentos dos conceitos de corpo sem órgãos e de hecceidade, do que, por exemplo, a interpretação deleuziana dos modos finitos em Espinosa e o problema da expressão.

Por isso, começamos dizendo que o livro vale por dois, porque na passagem do segundo para o terceiro capítulo e no início deste algo excepcional acontece que diz respeito à exploração dessa aliança. A análise vigorosa do plano de imanência da filosofia da diferença, em que o conceito de corpo sem órgãos é minuciosamente descrito, a partir de muitos dos elementos-conceitos que o constituem, tendo como horizonte a obra completa de Deleuze, vai cedendo passagem vagarosamente à exploração das páginas da Ética de Espinosa. Assim, Corpo e pensamento conduz o leitor à explo-



SERVIÇO

Obra: Corpo e pensamento - Alianças conceituais entre Deleuze e Espinosa
Autora: Cíntia Vieira da Silva
Páginas: 336 páginas
Área de interesse: Filosofia
Preço: R\$ 56,00
Editora Unicamp

ração desses dois grandes filósofos com o mesmo grau de excelência e de rigor, fazendo com que ambos coabitem o mesmo campo de problematização que é proposto por Cíntia, a saber, de que maneira pode se produzir em nós o pensamento a partir da multiplicidade de encontros ou afectos com os quais estamos destinados a lidar e que constituem, para cada um, o que se pode chamar uma vida. Não se trata, é claro, do pensar ordinário, mas daquele que nos chega “quando experimentamos um tal sentir que desorganiza nossas faculdades” e “nos arrasta num exercício de despersonalização”, nas palavras de Cíntia, após convidar Clarice Lispector a fazer parte desse concerto que rege.

Haveria ainda muitos pontos a destacar nesse livro, por exemplo, a presença de subdivisões nos capítulos que facilitam muito a leitura para quem está menos acostumado com trabalhos acadêmicos, o sem-número de referências bibliográficas que devem auxiliar outros pesquisadores que queiram se aprofundar nos temas, o estilo muito pessoal da escrita. Mas talvez nada seja tão importante quanto o fato de estarmos diante de um trabalho autoral, algo menos comum do que se imagina, em que os problemas levantados, os sentidos formulados, dizem respeito àquilo que se pode chamar de “autenticidade” em filosofia: a abertura para a alteridade e a construção da liberdade. Um livro, de fato, que vale por muitos.

Sandro Kobol Fornazari é professor adjunto do departamento de Filosofia da Unifesp.

Um modelo para o empreendedorismo

Metodologia estimula a transferência de tecnologia

ISABEL GARDENAL
bel@unicamp.br

Uma pesquisa a partir da metodologia Business Model Canvas (em português Modelo de Negócios de Canvas) resultou num modelo barato, escalável e de fácil replicação para capacitar alunos de graduação e de pós-graduação em empreendedorismo de base tecnológica. O seu autor, Virgílio Ferreira Marques dos Santos, chegou a essa conquista em sua tese de doutorado, que foi defendida na Faculdade de Engenharia Mecânica (FEM) e que já se projeta como um novo modelo de estímulo à criação de spin-offs a partir da pesquisa universitária.

O modelo estimula a transferência de tecnologia por meio da criação de ‘spin offs acadêmicos’ – empresas criadas para explorar uma propriedade intelectual gerada por meio de um trabalho de pesquisa de uma instituição acadêmica. “O estudo encontrou o caminho para transformar alunos em empreendedores de uma maneira prática e aplicada”, descreve.

Ele foi testado por três anos consecutivos na Unicamp por meio do programa Desafio Unicamp de Inovação Tecnológica, uma competição que visa capacitar alunos empreendedores e estimulá-los a abrir uma empresa de base tecnológica.

O resultado foi que, somadas as três edições do Desafio, houve mais de 500 participantes, 70 tecnologias e 200 modelos de negócios, sendo criado um spin off acadêmico e dois que estão em processo final de implementação.

Tal iniciativa contempla quaisquer interessados em empreendedorismo tecnológico de todo Brasil, com ou sem vínculo com a Unicamp, que, ao longo de três meses, frequentam workshops, palestras e mentorias.

A ideia é que, ao tirar dúvidas específicas, as equipes se sintam mais motivadas a marcar reuniões com os mentores acadêmico e empresarial e, assim, montar corretamente o modelo de negócios da tecnologia selecionada para a competição. Ao final, a equipe vencedora é premiada como forma de estimular a participação e o engajamen-

to dos alunos. “Os campeões do Desafio ganharam diversos prêmios mundiais de empreendedorismo e abriram empresas”, menciona.

O modelo em questão foi implementado pela Agência de Inovação Inova Unicamp, que é o Núcleo de Inovação Tecnológica (NIT) da Universidade, instituído em 2003, combinando as funções de gestor da propriedade intelectual, de parcerias e projetos colaborativos em P&D com empresas, de transferência de tecnologias e de estímulo ao empreendedorismo tecnológico.

“Devemos continuar estimulando os alunos por meio desse Desafio. Devemos criar um fundo de prova de conceito (uma ferramenta para provar a viabilidade técnica do invento) para apoiar financeiramente os projetos e devemos montar uma equipe de apoio a estas iniciativas. Este apoio acontecerá por meio do compartilhamento da rede de contatos e auxílio para fazer as mudanças necessárias”, reflete.

Virgílio, que escreveu a tese “Modelo de transferência de tecnologia por meio do estímulo à criação de spin offs acadêmicas” e é profissional da área de Melhoria de Processos, abordou nesse texto como encorajar os alunos a criarem empresas a partir de tecnologias depositadas pela Unicamp em seu banco de patentes. O trabalho teve orientação do professor da FEM Antonio Batocchio.

Esse assunto foi escolhido pelo doutorando ao notar que há nesta Universidade mais de mil tecnologias depositadas e apenas sete empresas formadas a partir delas até o momento, de 2009 a 2014.

O objetivo do estudo foi estimular a criação de empresas de base tecnológica por meio do uso de tecnologias e com alunos da própria instituição. Por isso foi criado o Desafio Unicamp de Inovação Tecnológica.

Um grande diferencial ao adotar o Desafio Unicamp é que os modelos de negócio devem ser desenvolvidos a partir das patentes e programas de computador registrados pela Unicamp. Os resultados obtidos atestam o êxito do modelo em capacitar e motivar alunos a empreender e a ampliar o uso de propriedade intelectual da Universidade.

Esse êxito se torna mais relevante considerando-se a cultura, o estágio incipiente do empreendedorismo tecnológico e a legislação de inovação do país. Sua aplicabilidade é em empresas e em instituições que queiram fomentar a criação de novas empresas de base tecnológica ou explorar novas tecnologias criadas. Há várias universidades estudando a utilização da metodologia criada.

INCENTIVO

De acordo com o pesquisador, o grande problema de pesquisa está na dificuldade

de criar casos de sucesso, uma vez que o período do estudo é curto. A média de tempo esperado para o surgimento deste tipo de empresa é de 4,5 anos, o que ultrapassa o tempo da pesquisa de doutorado, que é de quatro anos. Por esse motivo é que se espera que muito dos resultados ainda estejam por aparecer.

Virgílio comenta que o método proposto seguiu como etapas a formação de equipes, o treinamento, a escolha da tecnologia, a mentoria, o desenvolvimento do modelo de negócio, a seleção dos finalistas e o pitching final (apresentação de ideias em tempo restrito em que o apresentador tenta convencer sobretudo potenciais financiadores de que sua proposta merece receber apoio).

Na metodologia, utilizou-se como ferramenta de auxílio à construção do modelo de negócio, para a exploração comercial das tecnologias, o Business Model Canvas. Esta ferramenta consiste em um mapa visual no qual se esboçam (mediante blocos) os pontos-chaves de um modelo de negócio, que é o responsável por delinear o caminhar de uma empresa.

Um obstáculo hoje, para que haja transferência de tecnologia, está em encontrar empreendedores capacitados para enfrentar o longo e caro ciclo até atingir sucesso na exploração comercial da tecnologia.

“Empreendedorismo de base tecnológica é diferente do pregado pelo Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae). Há poucas iniciativas que preparam os alunos para este desafio e os professores não possuem interesse em abrir empresas, mas sim em pesquisar”, compara.

Diante de seus achados, o pesquisador ressalta que é possível capacitar os alunos em empreendedorismo de base tecnológica em menos de quatro meses. Contudo ele acrescenta que, para que as empresas deem certo, é preciso que a Universidade crie um fundo de prova de conceito para que os alunos consigam recursos a fim de desenvolverem uma aplicação comercial. “Sem dinheiro e apoio, é muito difícil que as iniciativas dos alunos saiam do papel”, admite.



Virgílio Ferreira Marques dos Santos, autor da tese: modelo testado por três anos consecutivos

Publicação

Tese: “Modelo de transferência de tecnologia por meio do estímulo à criação de spin offs acadêmicas”
Autor: Virgílio Ferreira Marques dos Santos
Orientador: Antonio Batocchio
Unidade: Faculdade de Engenharia Mecânica (FEM)